1

Mestre

— Só café, por favor.

A garçonete ergueu as sobrancelhas pintadas.

— Não quer comer nada? — perguntou. O sotaque era carregado, a postura, decepcionada.

Simon Lewis não podia culpá-la; ela provavelmente torcera por uma gorjeta melhor do que a que ganharia por uma única xícara de café. Mas ele não tinha culpa se vampiros não comiam. Às vezes, em restaurantes, pedia comida assim mesmo, apenas para preservar uma aparência de normalidade, mas, nas últimas horas da noite de terça-feira, quando o Veselka estava quase sem clientes, não parecia valer o esforço.

— Só o café.

Dando de ombros, a garçonete pegou o cardápio plastificado e foi transmitir o pedido. Simon acomodou-se na cadeira dura de plástico do restaurante e olhou em volta. Veselka, um café na esquina da Ninth Street com a Second Avenue, era um de seus lugares preferidos no Lo-

wer East Side — um antigo restaurante de bairro coberto por murais em preto e branco, onde permitiam que o cliente passasse o dia sentado, contanto que pedisse café em intervalos de meia hora. Também ofereciam o que outrora fora seu pierogi e borscht vegetariano favorito, mas estes dias tinham ficado para trás.

Era meio de outubro, e tinham acabado de colocar a decoração de Halloween — um cartaz tremulante que dizia BORSCHT-OU-TRAVESSURAS! e um vampiro falso de papelão com o apelido de Conde Blintzula. Em outros tempos, Simon e Clary achavam as decorações bregas hilárias, mas o Conde, com as presas falsas e a capa preta não parecia mais tão engraçado aos olhos de Simon.

Simon olhou para a janela. Era uma noite fria, e o vento soprava folhas pela Second Avenue como punhados de confete. Uma menina vinha andando pela rua, uma menina usando um casaco comprido justo, seus cabelos negros e longos ao vento. As pessoas se viraram para vê-la passar. Simon já tinha olhado para garotas assim no passado, imaginando de um jeito preguiçoso para onde estavam indo e quem iriam encontrar. Não seriam caras como ele, disso sabia.

Exceto que, neste caso, era. O sino da porta da frente do restaurante soou quando esta se abriu, e Isabelle Lightwood entrou. Sorriu ao ver Simon, e foi na direção dele, tirando o casaco com um movimento de ombros e colocando-o nas costas da cadeira antes de se sentar. Sob o casaco vestia o que Clary chamava de suas "típicas roupas de Isabelle": um vestido curto e justo de veludo, meia arrastão e botas. Trazia uma faca enfiada no topo da bota esquerda que Simon sabia que só ele conseguia enxergar; mesmo assim, todos no restaurante observaram enquanto ela sentava, jogando os cabelos para trás. Independentemente do que vestisse, Isabelle atraía atenção como uma queima de fogos de artifício.

A bela Isabelle Lightwood. Quando Simon a conheceu, presumiu que não teria tempo para alguém como ele. No fim das contas esteve essencialmente certo. Isabelle gostava de meninos que seus pais reprovavam e, no universo dela, isso significava membros do Submundo — fadas, lobisomens e vampiros. O fato de que estivessem saindo juntos regularmente havia um ou dois meses o impressionava, ainda que a relação se limitasse a encontros raros como este. E ainda que não deixasse

de imaginar, será que se não tivesse sido transformado em vampiro, se sua vida inteira não tivesse sido alterada naquele momento, estariam sequer namorando?

Ela colocou uma mecha de cabelo atrás da orelha, o sorriso brilhante.

— Está bonito.

Simon olhou para si mesmo no reflexo da janela do restaurante. A influência de Isabelle era clara na aparência de Simon, que mudara desde que começaram a namorar. Forçou-o a se livrar dos moletons de capuz em prol de jaquetas de couro, e os tênis foram trocados por sapatos de marca. Os quais, por sinal, custavam trezentos dólares o par. Continuava a usar as camisetas características com frases estampadas — a de agora dizia OS EXISTENCIALISTAS O FAZEM INUTILMENTE — mas as calças jeans não tinham mais buracos nos joelhos ou bolsos rasgados. Também tinha deixado os cabelos crescerem, e agora eles caíam sobre os olhos, cobrindo a testa, mas isso era mais por necessidade do que por Isabelle.

Clary caçoava dele pelo novo *look*; mas, pensando bem, Clary achava tudo hilário no que se referia à vida amorosa de Simon. Não conseguia acreditar que ele estivesse namorando Isabelle seriamente. Claro, também não conseguia acreditar que o amigo estivesse namorando Maia Roberts, uma amiga deles que, por acaso, também era licantrope. E definitivamente não acreditava que Simon ainda não tinha contado para nenhuma das duas sobre a outra.

Simon não sabia ao certo como acontecera. Maia gostava de ir para a casa dele jogar Xbox — não tinham o videogame na delegacia de polícia abandonada onde o bando de lobisomens morava — e foi só na terceira ou quarta visita que ela se inclinou e deu um beijo nele antes de sair. Ele gostou, e em seguida ligou para Clary para saber se deveria contar para Isabelle.

— Descubra o que está rolando entre você e Isabelle — aconselhara ela. — E aí conte.

No fim das contas, foi um mau conselho. Já tinha se passado um mês, e Simon ainda não sabia ao certo o que estava acontecendo entre ele e Isabelle, então não contou nada. E quanto mais tempo passava, mas desconfortável se tornava a ideia de falar alguma coisa. Até agora tinha

conseguido levar. Isabelle e Maia não eram amigas, e quase nunca se viam. Infelizmente para ele, a situação estava prestes a mudar. A mãe de Clary e seu amigo de longa data, Luke, se casariam dentro de algumas semanas, e tanto Isabelle quanto Maia tinham sido convidadas para a cerimônia, algo que ele achava mais aterrorizante do que a ideia de ser perseguido pelas ruas de Nova York por uma gangue furiosa de caçadores de vampiros.

— Então — disse Isabelle, despertando-o do devaneio. — Por que aqui e não no Taki's? Lá serviriam sangue.

Simon fez uma careta diante do volume da voz dela. Isabelle não era nada sutil. Felizmente, ninguém parecia estar escutando, nem mesmo a garçonete que voltou, colocou uma xícara de café na frente dele, encarou Izzy e saiu sem anotar o pedido.

— Gosto daqui — respondeu ele. — Clary e eu vínhamos quando ela fazia aulas na Tisch. Têm ótimos borscht e blintzes, que são como bolinhos de queijo doces, além disso, fica aberto durante a noite toda.

Isabelle, no entanto, o ignorou. Estava olhando por cima do ombro dele.

— O que é *aquilo*?

Simon seguiu o olhar.

— É o Conde Blintzula.

— Conde *Blintzula*?

Simon deu de ombros.

— É uma decoração de Halloween. Conde Blintzula é para crianças. Como Conde Chocula, ou o Conde da *Vila Sésamo*. — Ele sorriu diante do olhar confuso de Isabelle. — Você sabe. Ele ensina as crianças a contar.

Isabelle estava balançando a cabeça.

— Existe um programa de TV em que as crianças aprendem a contar com um *vampiro*?

— Faria sentido se você já tivesse assistido — murmurou Simon.

— Não é uma ideia totalmente desprovida de base mitológica — disse Isabelle, ativando o modo Caçadora de Sombras palestrante. — Algumas lendas afirmam que vampiros são obcecados por contagem, e que se você derrubar grãos de arroz na frente deles, terão que parar o que

estão fazendo para contá-los. Não há verdade nisso, é claro, não mais do que aquela história do alho. E vampiros não têm nada que ensinar crianças. Vampiros são aterrorizantes.

— Obrigado — disse Simon. — É uma brincadeira, Isabelle. Ele é o Conde. Conde conta. Você sabe. "O que o Conde comeu hoje, crianças? *Um* biscoito com gotas de chocolate, *dois* biscoitos com gotas de chocolate, *três* biscoitos com gotas de chocolate..."

Sentiram uma corrente de ar frio quando a porta do restaurante se abriu, para que mais um cliente entrasse. Isabelle estremeceu e esticou o braço para pegar o cachecol preto de seda.

— Não é nada realista.

— O que preferia? "O que o Conde comeu hoje, crianças? *Um* aldeão inocente, *dois* aldeões inocentes, *três* aldeões inocentes..."

— Shh. — Isabelle terminou de amarrar o cachecol na garganta e se inclinou para a frente, colocando a mão no pulso de Simon. Seus olhos negros de repente ganharam vida, da forma que só faziam quando ela estava caçando demônios ou pensando em caçar demônios. — Olhe ali.

Simon seguiu o olhar. Havia dois homens perto do mostruário com frente de vidro que continha os itens de padaria: bolos com camadas espessas de glacê, pratos de rolinhos de biscoito e pães doces com recheio de creme. Contudo, nenhum deles parecia interessado em comida. Ambos eram baixos e dolorosamente magros, tanto que as maçãs do rosto saltavam das faces pálidas como facas. Os dois tinham cabelos finos e grisalhos, olhos cinza-claros e vestiam casacos cor de ardósia amarrados com cintos que iam até o chão.

— Agora — disse Isabelle —, o que acha que eles são?

Simon cerrou os olhos na direção deles. Ambos o encararam de volta, os olhos desprovidos de cílios pareciam buracos vazios.

— Parecem um pouco com gnomos de jardim do mal.

— São humanos subjugados — sibilou Isabelle. — Pertencem a um vampiro.

— "Pertencem" do tipo...?

Ela emitiu um ruído impaciente.

— Pelo Anjo, você não sabe nada sobre sua espécie, sabe? Nem sequer sabe como vampiros são feitos?

— Bem, quando uma mamãe vampira e um papai vampiro se amam muito...

Isabelle fez uma careta para ele.

— Tudo bem, você sabe que vampiros não precisam de sexo para se reproduzir, mas aposto que não sabe como funciona.

— Sei sim — respondeu Simon. — Sou um vampiro porque bebi um pouco do sangue de Raphael antes de morrer. Beber sangue mais morte é igual a vampiro.

— Não exatamente — disse Isabelle. — Você é um vampiro porque bebeu um pouco do sangue de Raphael, depois foi mordido por outros vampiros, e *depois* morreu. É preciso ser mordido em algum momento durante o processo.

— Por quê?

— Saliva de vampiro tem... propriedades. Propriedades transformadoras.

— Eca — disse Simon.

— Sem "eca" para cima de mim. É você que tem o cuspe mágico. Vampiros mantêm humanos por perto e se alimentam deles quando precisam de sangue: como máquinas de lanche ambulantes — disse Izzy com desgosto. — É de se pensar que ficariam fracos com a perda de sangue o tempo todo, mas saliva de vampiro tem propriedades de cura. Aumenta a contagem de hemácias, os deixa mais fortes e saudáveis, e faz com que vivam mais. É por isso que não é contra a Lei um vampiro se alimentar de um humano. Na verdade não os machuca. É claro que às vezes o vampiro decide que quer mais do que apenas um lanche, quer um subjugado, e então começa a alimentar o humano mordido com pequenas quantidades de sangue de vampiro, só para mantê-lo dócil, mantê-lo conectado ao mestre. Subjugados idolatram os mestres, e amam servi-los. Tudo que querem é ficar perto deles. Como você ficou quando voltou ao Dumont. Foi atraído ao vampiro cujo sangue tinha consumido.

— Raphael — disse Simon, com a voz gelada. — Deixa eu te contar uma coisa, não sinto nenhum desejo ardente de estar com ele ultimamente.

— Não, desaparece quando você se torna um vampiro completo. São apenas os subjugados que idolatram seus senhores e não podem deso-

bedecê-los. Não entende? Quando voltou ao Dumont, o clã de Raphael o drenou, você morreu, e então se tornou um vampiro. Mas se não tivessem drenado, se tivessem dado mais sangue de vampiro, eventualmente se tornaria um subjugado.

— Isso tudo é muito interessante — disse Simon. — Mas não explica por que estão nos encarando.

Isabelle olhou para eles.

— Estão encarando *você*. Talvez o mestre tenha morrido e estejam procurando outro vampiro para ser o dono deles. Você pode ter bichinhos de estimação. — Ela sorriu.

— Ou — disse Simon — talvez estejam aqui pelos bolinhos de batata fritos.

— Humanos subjugados não comem comida. Vivem com uma mistura de sangue de vampiro e sangue animal. Isso os mantém em um estado de animação suspensa. Não são imortais, mas envelhecem muito lentamente.

— Infelizmente — disse Simon, olhando para eles –, não parecem conservar a beleza.

Isabelle endireitou a postura.

— E estão vindo para cá. Acho que já vamos descobrir o que querem.

Os humanos subjugados se moviam como se estivessem sobre rodas. Não pareciam dar passos, e sim deslizar para a frente silenciosamente. Levaram apenas alguns segundos para atravessar o restaurante; quando se aproximaram da mesa de Simon, Isabelle já tinha tirado a adaga afiada como um estilete da bota. O objeto estava sobre a mesa, brilhando sob as luzes fluorescentes do restaurante. Era de uma prata escura, pesada, com cruzes queimadas em ambos os lados do cabo. A maioria das armas repelentes de vampiros parecia conter cruzes, baseando-se, pensou Simon, na crença de que a maioria dos vampiros era cristã. Quem diria que ser da minoria religiosa poderia ser tão vantajoso?

— Já estão perto o bastante — disse Isabelle, enquanto os dois subjugados paravam ao lado da mesa, com os dedos a poucos centímetros da adaga. — Digam o que querem, vocês dois.

— Caçadora de Sombras. — A criatura da esquerda falou com um sussurro sibilado. — Não sabíamos de sua presença nesta situação.

Isabelle ergueu uma sobrancelha delicada.

— E que situação seria esta?

O segundo subjugado apontou um dedo longo e cinza na direção de Simon. A unha na ponta era amarelada e afiada.

— Temos assuntos com o Diurno.

— Não, não têm — disse Simon. — Não faço ideia de quem sejam vocês. Nunca os vi antes.

— Sou o senhor Walker — respondeu a primeira criatura. — Ao meu lado está o senhor Archer. Servimos à criatura vampiresca mais poderosa de Nova York. Líder do maior clã de Manhattan.

— Raphael Santiago — disse Isabelle. — Neste caso devem saber que Simon não faz parte de nenhum clã. É um agente livre.

O senhor Walker deu um sorrisinho contido.

— Meu mestre estava na esperança de que tal situação pudesse ser alterada.

Simon encontrou o olhar de Isabelle do outro lado da mesa. Ela deu de ombros, mas disse:

— Raphael não disse a você que queria que ficasse *longe* do clã?

— Talvez tenha mudado de ideia — sugeriu Simon. — Sabe como ele é. Genioso. Inconstante.

— Não saberia. Não o vejo desde aquela vez em que ameacei matá-lo com um candelabro. Mas ele soube lidar bem com a situação. Não recuou.

— Fantástico — disse Simon. Os dois subjugados estavam olhando para ele. Tinham olhos de uma cor pálida, cinza embranquecida, como neve suja. — Se Raphael me quer no clã, é porque quer algo de mim. Melhor me dizerem o quê.

— Não temos conhecimento dos planos de nosso mestre — disse o senhor Archer com um tom insolente.

— Nada feito, então — disse Simon. — Não vou.

— Se não quer vir conosco, temos autorização para utilizar força para trazê-lo.

A adaga pareceu saltar para a mão de Isabelle; ou, pelo menos, mal pareceu se mover, e mesmo assim a garota a segurava. Ela a girou devagar.

— Eu não faria isso se fosse você.

O senhor Archer exibiu os dentes para ela.

— Desde quando os filhos do Anjo se tornaram guarda-costas de trapaceiros do Submundo? Pensei que estivesse acima destes assuntos, Isabelle Lightwood.

— Não sou a guarda-costas dele — disse Isabelle. — Sou a *namorada*. O que me dá o direito de lhes dar uma surra se o incomodarem. É assim que funciona.

Namorada? Simon ficou espantado o suficiente para olhá-la com surpresa, mas ela estava encarando os dois subjugados, os olhos escuros brilhando. Por um lado, não achava que Isabelle já tinha se referido a si mesma como sua namorada antes. Por outro, era sintomático do quão estranha a vida havia se tornado se *aquilo* era a coisa que mais o espantara esta noite, e não o fato de que tinha acabado de ser convocado para um encontro com o vampiro mais poderoso de Nova York.

— Nosso mestre — disse o senhor Walker, no que provavelmente imaginava ser um tom suave — tem uma proposta para o Diurno...

— O nome dele é Simon. Simon Lewis.

— Para o senhor Lewis. Posso garantir que o senhor Lewis achará muito vantajoso se estiver disposto a nos acompanhar e escutar. Juro pela honra de nosso mestre que não sofrerá nenhum mal, Diurno, e que se quiser recusar a oferta, terá liberdade de fazê-lo.

Meu mestre, meu mestre. O senhor Walker dizia as palavras com uma mistura de adoração e admiração. Simon deu de ombros ligeiramente por dentro. Que coisa horrível ser tão ligado a alguém, e não ter qualquer vontade própria de verdade.

Isabelle estava balançando a cabeça; disse "não" para Simon sem pronunciar as palavras. Provavelmente estava certa, pensou ele. Isabelle era uma excelente Caçadora de Sombras. Caçava demônios e integrantes do Submundo transgressores — vampiros tratantes, feiticeiros praticantes de magia negra, lobisomens que tivessem se revoltado e comido alguém — desde os 12 anos de idade, e provavelmente era melhor no que fazia do que qualquer Caçador de Sombras da idade dela, com exceção do irmão Jace. E também tinha Sebastian, pensou Simon, que fora melhor do que os dois. Mas ele estava morto.

— Tudo bem — disse ele. — Eu vou.

Os olhos de Isabelle se arregalaram.

— Simon!

Ambos os subjugados esfregaram as mãos, como vilões de uma revista em quadrinhos. O gesto em si não era assustador, na verdade; era o fato de o fazerem exatamente ao mesmo tempo, e da mesma maneira, como se fossem marionetes cujas cordas estivessem sendo puxadas simultaneamente.

— Excelente — disse o senhor Archer.

Isabelle bateu com a faca na mesa com um ruído e se inclinou para a frente, os cabelos negros brilhantes esfregando a mesa.

— Simon — disse com um sussurro urgente. — Não seja tolo. Não há razão para ir com eles. E Raphael é um babaca.

— Raphael é um vampiro mestre — disse Simon. — O sangue dele me fez vampiro. Ele é meu... como quer que o chamem.

— Ancestral, criador, gerador, há milhões de nomes para o que ele fez — disse Isabelle, distraída. — E talvez o sangue dele o tenha feito vampiro. Mas não o fez *Diurno*. — Os olhos de Isabelle o encontraram do outro lado. Você é *Diurno por causa de Jace*. Mas jamais falaria em voz alta; apenas alguns sabiam a verdade, toda a história por trás do que Jace era, e o que Simon era por causa disso. — Não tem que fazer o que ele diz.

— Claro que não tenho — disse Simon, abaixando a voz. — Mas se eu me recusar a ir, acha que Raphael vai deixar para lá? Não vai. Vão continuar vindo atrás de mim. — Lançou um olhar de lado para os subjugados; pareceram concordar, apesar de poder ter sido imaginação. — Vão me incomodar em todo canto. Quando estiver na rua, no colégio, na casa de Clary...

— E daí? Clary não dá conta? — Isabelle jogou as mãos para o alto. — Tudo bem. Pelo menos me deixe ir junto.

— Certamente não — interrompeu o senhor Archer. — Esta não é uma questão para Caçadores de Sombras. É assunto das Crianças Noturnas.

— Não vou...

— A Lei nos confere o direito de conduzir nossos negócios de forma privada. — O senhor Walker disse automaticamente. — Com a nossa espécie.

Simon olhou para eles.

— Deem-nos um momento, por favor — disse. — Quero conversar com Isabelle.

Fez-se um instante de silêncio. Ao redor deles a vida no restaurante continuava. O lugar estava começando a receber sua onda de movimentação noturna com o final do filme no cinema daquele quarteirão, e as garçonetes se apressavam, carregando pratos quentes de comida para fregueses; casais riam e conversavam nas mesas próximas; cozinheiros gritavam pedidos uns para os outros por trás do balcão. Ninguém olhava para eles ou percebia que algo estranho se passava. Simon já estava acostumado a feitiços de disfarce, mas não conseguia conter a sensação às vezes, quando estava com Isabelle, de estar preso atrás de uma parede invisível de vidro, afastado do resto da humanidade e de seu cotidiano.

— Tudo bem — disse o senhor Walker, recuando. — Mas nosso mestre não gosta de esperar.

Recuaram em direção à porta, aparentemente imunes às rajadas de ar frio de quando alguém entrava ou saía, e ficaram parados como estátuas. Simon voltou-se para Isabelle.

— Tudo bem — disse. — Não vão me machucar. Não *podem* me machucar. Raphael sabe tudo sobre... — Gesticulou desconfortavelmente para a testa. — Isto.

Isabelle esticou o braço para o outro lado da mesa e afastou o cabelo dele, o toque mais clínico do que carinhoso. Ela estava franzindo o cenho. O próprio Simon já tinha olhado para a Marca vezes o suficiente, no espelho, para saber bem como era. Como se alguém tivesse usado um pincel fino para delinear um desenho simples na testa, um pouco acima e bem no meio dos olhos. A forma parecia mudar às vezes, como as imagens encontradas em nuvens, mas era sempre nítida, preta, e de alguma forma parecia perigosa, como um sinal de alerta escrito em outra língua.

— Realmente... funciona? — sussurrou.

— Raphael acha que sim — respondeu Simon. — E não tenho motivo para achar que não. — Ele pegou o pulso dela e afastou-o do rosto. — Vai ficar tudo bem, Isabelle.

Ela suspirou.

— Cada parte do meu treinamento diz que não é uma boa ideia.

Simon apertou os dedos dela.

— Qual é. Está curiosa quanto ao que Raphael quer, não está?

Isabelle afagou a mão dele e recostou-se na cadeira.

— Conte tudo quando voltar. E ligue para mim *primeiro*.

— Vou ligar. — Simon se levantou, fechando o zíper do casaco. — E me faça um favor? Dois favores, na verdade.

Isabelle olhou para ele levemente entretida.

— O quê?

— Clary disse que estaria treinando no Instituto hoje à noite. Se encontrá-la, não diga aonde fui. Ela vai se preocupar à toa.

Isabelle revirou os olhos.

— Ok, eu faço. Segundo favor?

Simon se inclinou sobre a mesa e a beijou na bochecha.

— Experimente o borscht antes de ir embora. É fantástico.

O senhor Walker e o senhor Archer não eram companhias muito falantes. Conduziram Simon silenciosamente pelas ruas do Lower East Side, muitos passos à frente dele com aquele estranho ritmo deslizante. Estava ficando tarde, mas as calçadas da cidade estavam cheias de gente — terminando o turno da noite, apressando-se para casa depois do jantar, cabeças baixas, colarinhos levantados para se protegerem contra o vento frio. Na St. Mark's Place havia mesas armadas pelo meio fio, vendendo de tudo, desde meias baratas e desenhos a lápis de Nova York a incensos de madeira de sândalo esfumaçados. Folhas rangiam pela calçada como ossos secos. O ar cheirava a exaustor de carro misturado à madeira de sândalo, e, abaixo disso, o cheiro de seres humanos — pele e sangue.

O estômago de Simon embrulhou. Tentava manter garrafas de sangue animal no quarto em quantidades suficientes — tinha uma pequena geladeira no fundo do armário agora, onde a mãe não veria — para nunca sentir fome. O sangue era nojento. Achava que iria se acostumar, e até mesmo começaria a querer, mas apesar de matar as pontadas de fome, não havia nada naquilo que o fizesse gostar como outrora gostou de um chocolate, de burritos vegetarianos ou de sorvetes de café. Continuava sendo sangue.

Mas sentir fome era pior. Sentir fome significava que podia sentir o cheiro de coisas que não queria detectar — sal sobre pele; o aroma demasiadamente maduro e doce de sangue exalando dos poros de estranhos. Isso o deixava faminto, confuso e inteiramente errado. Curvando-se, ele enfiou os punhos nos bolsos do casaco e tentou respirar pela boca.

Viraram à direita na Third Avenue e pararam diante de um restaurante cuja placa dizia CLOISTER CAFÉ. JARDIM ABERTO O ANO INTEIRO. Simon piscou para a placa.

— O que estamos fazendo aqui?

— Este é o local de encontro escolhido por nosso mestre. — O tom do senhor Walker era neutro.

— Hum. — Simon estava confuso. — Pensei que o estilo de Raphael fosse mais, você sabe, marcar reuniões sobre uma catedral não consagrada ou em alguma cripta cheia de ossos. Nunca me pareceu um cara do tipo restaurante da moda.

Ambos os subjugados o encararam.

— Algum problema, Diurno? — perguntou o senhor Archer afinal.

Simon se sentiu, de alguma forma, censurado.

— Não. Problema nenhum.

O interior do restaurante era escuro, e havia um bar com bancada de mármore percorrendo uma parede. Nenhum servente ou garçom se aproximou deles ao atravessarem a sala até uma porta no fundo, passarem por esta, e se dirigirem ao jardim.

Muitos restaurantes em Nova York têm varandas em jardins; poucos ficavam abertos nesta época do ano. Este ficava em um pátio entre diversos prédios. As paredes tinham sido pintadas com murais *trompe l'oeil* exibindo jardins italianos cheios de flores. As árvores, suas folhas douradas e vermelhas com o outono, estavam cheias de correntes de luzes brancas, e lâmpadas de calor espalhadas entre as mesas emitiam um brilho avermelhado. Um pequeno chafariz jorrava musicalmente no centro do pátio.

Apenas uma mesa estava ocupada, e não era por Raphael. Uma mulher esguia com um chapéu de aba larga sentava-se à mesa perto da parede. Enquanto Simon observava confuso, ela levantou a mão e acenou. Ele virou e olhou atrás de si; evidentemente, não havia ninguém lá. Walker e Archer tinham começado a se mover novamente; perplexo,

Simon os seguiu ao atravessarem o pátio e pararem a alguns centímetros de onde a mulher se sentava.

Walker se inclinou acentuadamente.

— Mestra — disse.

A mulher sorriu.

— Walker — disse. — E Archer. Muito bem. Obrigada por trazerem Simon até mim.

— Espere um instante. — O olhar de Simon foi da mulher para os dois subjugados novamente. — Você não é Raphael.

— Céus, não. — A mulher tirou o chapéu. Uma enorme quantidade de cabelos louros prateados, brilhantes sob as luzes de natal, caía sobre os ombros. Tinha o rosto liso, branco e oval, muito bonito, dominado por enormes olhos verde-claros. Usava luvas negras compridas, uma blusa de seda preta, uma saia justa e um cachecol preto amarrado no pescoço. Era impossível adivinhar a idade dela, ou pelo menos a idade que tinha quando havia sido transformada em vampira. — Sou Camille Belcourt. É um prazer conhecê-lo.

Estendeu a mão que estava coberta por uma luva preta.

— Disseram-me que encontraria Raphael Santiago aqui — disse Simon, sem pegar a mão da dama. — Você trabalha para ele?

Camille Belcourt riu como um chafariz jorrando água.

— Certamente não! Apesar de ele outrora ter trabalhado para mim.

E Simon lembrou. *Pensei que o vampiro-chefe fosse outra pessoa*, dissera a Raphael uma vez, em Idris, parecia uma eternidade atrás.

Camille ainda não voltou para nós, respondera Raphael. *Eu sou o líder durante a ausência dela.*

— É a vampira-chefe — disse Simon. — Do clã de Manhattan. — Voltou-se então para os subjugados. — Vocês me enganaram. Disseram que eu viria encontrar Raphael.

— Disse que encontraria nosso mestre — respondeu o senhor Walker. Tinha olhos vastos e vazios, tão vazios que Simon ficou imaginando se realmente teriam tido intenção de enganá-lo ou se eram simplesmente programados como robôs para dizerem o que quer que o mestre mandasse dizer, e desconhecessem desvios do script. — E aqui está nosso mestre.

— De fato. — Camille sorriu um sorriso brilhante para os subjugados. — Por favor, deixem-nos, Walker, Archer. Preciso conversar com Simon a sós. — Havia algo na maneira como ela disse, tanto seu nome quanto a palavra "sós", que parecia uma carícia secreta.

Os subjugados se curvaram e recuaram. Enquanto o senhor Archer virava e se afastava, Simon viu uma marca na lateral da garganta, um ferimento profundo, tão escuro que parecia tinta, com dois pontos mais escuros no interior. Os pontos mais escuros eram perfurações, circuladas com carne ressecada e rasgada. Simon sentiu um tremor silencioso percorrer o corpo.

— Por favor — disse Camille, e afagou o assento ao lado dela. — Sente-se. Quer um pouco de vinho?

Simon se sentou, empoleirando-se desconfortavelmente na beira de uma cadeira dura de metal.

— Não bebo.

— Claro — disse ela, solidária. — Mal é um incipiente, não é? Não se preocupe demais. Com o tempo vai se treinar para consumir vinho e outras bebidas. Alguns dos mais velhos da nossa espécie podem consumir comida com poucos efeitos negativos.

Poucos efeitos negativos? Simon não gostou de como aquilo soou.

— Vamos demorar muito? — perguntou ele, olhando fixo para o celular, que lhe informou que passava das dez e meia. — Tenho que ir para casa.

Camille tomou um gole de vinho.

— Tem? E por quê?

Porque minha mãe está me esperando acordada. Tudo bem, não havia razão para que esta mulher precisasse saber.

— Você interrompeu meu encontro — disse ele. — Só estava imaginando o que poderia ser tão importante.

— Ainda mora com sua mãe, não mora? — perguntou, repousando a taça. — Estranho, não é, um vampiro poderoso como você se recusando a sair de casa, a se juntar a um clã?

— Então interrompeu meu encontro para caçoar de mim por ainda morar em casa. Não podia ter feito isso em uma noite em que eu não tivesse um encontro? É o caso da maioria das noites, caso esteja curiosa.

— Não estou caçoando de você, Simon. — Passou a língua pelo lábio inferior, como se estivesse saboreando o gosto do vinho que acabara de beber. — Quero saber por que não se tornou parte do clã de Raphael.

Que é o mesmo que o seu, não?

— Tive a forte impressão de que ele não queria que eu fizesse parte — respondeu Simon. — Ele basicamente disse que me deixaria em paz, se eu fizesse o mesmo. Então o deixei em paz.

— *Deixou*. — Os olhos verdes brilharam.

— Nunca quis ser vampiro — disse Simon, meio imaginando por que estava contando estas coisas para esta mulher estranha. — Queria uma vida normal. Quando descobri que era Diurno, pensei que pudesse ter uma. Ou ao menos algo perto disso. Posso frequentar o colégio, morar em casa, posso ver minha mãe e minha irmã...

— Contanto que jamais coma na frente deles — disse Camille. — Contanto que esconda a necessidade de sangue. Nunca se alimentou de um humano, não é? Só sangue empacotado. Velho. Animal. — Ela franziu o nariz.

Simon pensou em Jace, e afastou o pensamento rapidamente. Jace não era precisamente *humano*.

— Não, nunca.

— Um dia vai. E quando o fizer, não vai esquecer. — Ela se inclinou para a frente, e o cabelo claro esfregou na mão dele. — Não pode esconder quem verdadeiramente é para sempre.

— Que adolescente não mente para os pais? — disse Simon. — Seja como for, não vejo por que se importa. Aliás, ainda não sei por que estou aqui.

Camille se inclinou para a frente. Quando o fez, o colarinho da blusa preta de seda se abriu. Se Simon ainda fosse humano, teria enrubescido.

— Pode me deixar ver?

Simon sentiu os olhos saltarem das órbitas.

— Ver o quê?

Ela sorriu.

— A Marca, tolinho. A Marca do Andarilho.

Simon abriu a boca e, em seguida, fechou novamente. *Como ela sabe?* Pouquíssimas pessoas sabiam da Marca que Clary tinha posto nele

em Idris. Raphael havia insinuado se tratar de um assunto de segredo mortal, e Simon o tratara como tal.

Mas os olhos de Camille eram muito verdes e firmes, e, por algum motivo, ele queria fazer o que ela desejava que fizesse. Alguma coisa na maneira como olhava para ele, algo na musicalidade da voz. Esticou o braço e afastou o cabelo, exibindo a testa para inspeção.

Os olhos de Camille se arregalaram, os lábios se abrindo. Levemente tocou a garganta com os dedos, como se estivesse checando o pulso inexistente lá.

— Oh — disse. — Como tem sorte, Simon. Quanta sorte.

— É uma maldição — disse. — Não é uma benção. Sabe disso, certo?

Os olhos da vampira brilharam.

— "E Caim disse para o Senhor, meu castigo é maior do que posso suportar." É maior do que pode suportar, Simon?

Simon se recostou, deixando o cabelo cair de volta para o lugar.

— Posso suportar.

— Mas não quer. — Ela passou um dedo enluvado na borda da taça de vinho, com os olhos fixos nele. — E se eu pudesse oferecer uma forma de transformar o que você considera uma maldição em uma vantagem?

Diria que finalmente está chegando na razão pela qual me trouxe aqui, o que é um começo.

— Estou ouvindo.

— Reconheceu meu nome quando o disse a você — falou Camille. — Raphael já falou de mim, não falou? — Ela tinha um sotaque, muito fraco, que Simon não conseguia situar.

— Ele disse que você era a líder do clã, e que ele só estava comandando durante sua ausência. Assumindo o lugar como... como um vice-presidente, ou coisa do tipo.

— Ah. — Camille mordeu levemente o lábio inferior. — Isso, por sinal, não é exatamente verdade. Gostaria de lhe contar a verdade, Simon. Gostaria de fazer uma oferta. Mas primeiro preciso de sua palavra em um assunto.

— E qual seria?

— De que tudo que se passar entre nós aqui esta noite permanecerá segredo. Ninguém pode saber. Nem sua amiguinha ruiva, Clary. Nem suas amigas. Nenhum dos Lightwood. Ninguém.

Simon se recostou mais uma vez.

— E se eu não quiser prometer?

— Então pode se retirar, se assim desejar — respondeu. — Mas então nunca saberá o que eu queria contar. E irá lamentar esta perda.

— Estou curioso — afirmou Simon. — Mas não sei se estou tão curioso assim.

Os olhos de Camille tinham uma pequena faísca de surpresa e divertimento, e talvez, pensou Simon, até mesmo algum respeito.

— Nada do que tenho a lhe dizer os envolve. Não afetará a segurança de nenhum deles, ou o bem-estar. O segredo é para minha segurança.

Simon a olhou com desconfiança. Estava falando sério? Vampiros não eram como fadas, que não podiam mentir. Mas tinha que admitir que estava curioso.

— Tudo bem. Guardo o segredo, a não ser que eu ache que algo que está dizendo represente perigo para meus amigos. Neste caso, vale tudo.

O sorriso dela era gelado; Simon podia perceber que Camille não gostava que desconfiassem dela.

— Muito bem — disse ela. — Suponho que não tenha tanta escolha quando preciso tanto assim da sua ajuda. — Inclinou-se para a frente, uma mão esguia ainda brincando com a base da taça de vinho. — Até muito pouco tempo liderei o clã de Manhattan, e com muita satisfação. Tínhamos belas dependências em um velho prédio pré-guerra no Upper West Side, não naquela toca de ratos daquele hotel em que Santiago mantém as pessoas. Santiago, ou Raphael, como você chama, era meu homem de confiança. Meu companheiro mais leal, ou, pelo menos, era o que eu achava. Uma noite descobri que ele estava assassinando humanos, atraindo-os para o hotel no Spanish Harlem, e bebendo sangue por diversão. Deixava os ossos no lixão do lado de fora. Correndo riscos estúpidos, violando a Lei do Pacto. — Tomou um gole de vinho. — Quando fui confrontá-lo, percebi que ele tinha contado ao resto do clã que eu era a assassina, a transgressora. Foi tudo uma armação. Ele tinha a intenção de me matar, para obter poder. Fugi, tendo apenas Walker e Archer para me oferecer segurança.

— E por todo este tempo ele alegou estar liderando até a sua volta?

Ela fez uma careta.

— Santiago é um mentiroso de talento. Deseja que eu volte, isso é certo, para poder me matar e assumir o clã.

Simon não tinha certeza quanto ao que ela gostaria de ouvir. Não estava acostumado a mulheres adultas olhando para ele com olhos grandes e cheios de lágrimas, ou despejando suas histórias de vida em cima dele.

— Sinto muito — disse, afinal.

Ela deu de ombros, de forma tão expressiva que ele ficou imaginando se talvez aquele sotaque fosse francês.

— Passado — falou. — Estive escondida em Londres durante todo este tempo, procurando aliados, ganhando tempo. Então ouvi falar de você. — Levantou a mão. — Não posso lhe dizer como; jurei segredo. Mas assim que soube, percebi que era por você que eu esperava.

— Eu era? Sou?

Ela se inclinou para a frente e tocou a mão dele.

— Raphael tem medo de você, Simon, e com razão. É da espécie dele, um vampiro, mas não pode ser ferido ou morto; ele não pode erguer um dedo contra você sem trazer a fúria de Deus contra a própria cabeça.

Fez-se silêncio. Simon pôde ouvir o murmúrio elétrico suave das luzes de Natal acima, a água caindo no chafariz de pedra do pátio, o chiado e o ruído da cidade. Quando ele falou, a voz saiu suave:

— Você disse.

— O quê, Simon?

— A palavra. A fúria de... — A palavra ardeu e queimou em sua boca, como sempre acontecia.

— Sim. *Deus*. — Ela retirou a mão, mas os olhos eram calorosos. — Há muitos segredos na nossa espécie, tantos que posso contar, mostrar. Aprenderá que não é amaldiçoado.

— Senhorita...

— Camille. Deve me chamar de Camille.

— Ainda não entendi o que quer de mim.

— Não? — Ela balançou a cabeça, e os cabelos brilhantes esvoaçaram diante de seu rosto. — Quero que se junte a mim, Simon. Se junte a mim contra Santiago. Entraremos juntos no hotel infestado de ratos; as-

sim que os seguidores virem que você está comigo, o deixarão para ficar do meu lado. Acredito que por baixo do medo que sentem dele, são leais a mim. Acredito que quando nos virem juntos, o medo vai desaparecer e virão para o nosso lado. Homens não podem lutar contra o divino.

— Não sei — disse Simon. — Na Bíblia, Jacó lutou contra um anjo e venceu.

Camille olhou para ele com as sobrancelhas erguidas.

Simon deu de ombros.

— Escola hebraica.

— "E Jacó chamou o nome do lugar de Peniel: pois vi Deus cara a cara." Veja bem, você não é o único que conhece as escrituras. — O olhar cerrado havia desaparecido, e ela estava sorrindo. — Pode não perceber, Diurno, mas enquanto tiver essa Marca, é o braço vingador do céu. Ninguém pode se colocar diante de você. Certamente não um vampiro.

— Você tem medo de mim? — perguntou Simon.

E arrependeu-se quase instantaneamente de dizê-lo. Os olhos negros da mulher escureceram como nuvens de tempestade.

— Eu, medo de você? — Mas ela logo se recobrou, o rosto se acalmou, a expressão suavizada. — Claro que não — respondeu. — Você é um homem inteligente. Estou convencida de que vai enxergar a sabedoria da proposta que faço e se juntará a mim.

— E qual exatamente é a sua proposta? Quero dizer, entendo a parte em que vamos enfrentar Raphael, mas e depois? Não detesto Raphael de fato, nem quero me livrar dele só por me livrar. Ele me deixa em paz. É tudo o que eu sempre quis.

Ela cruzou as mãos diante de si. Usava um anel prateado com uma pedra azul no dedo médio esquerdo, sobre o tecido da luva.

— Acha que é isso que quer, Simon. Acha que Raphael está lhe fazendo um favor em deixá-lo em paz, como colocou. Na verdade ele o está isolando. Neste momento, você acredita que não precisa de outros da sua espécie. Está contente com os amigos que tem, humanos e Caçadores de Sombras. Contenta-se em esconder garrafas de sangue no quarto e em mentir para a sua mãe quanto a quem é.

— Como é que você...

Ignorando-o, ela prosseguiu:

— Mas e daqui a dez anos, quando em tese terá 26 anos? Em vinte anos? Trinta? Acha que ninguém vai perceber que as pessoas envelhecem e mudam, e você não?

Simon não disse nada. Não queria admitir que não tinha pensado tão à frente. Que não queria pensar tão à frente.

— Raphael lhe ensinou que outros vampiros são prejudiciais. Mas não precisa ser assim. A eternidade é um tempo muito longo para se passar sozinho, sem outros da sua espécie. Outros que entendam. É amigo de Caçadores de Sombras, mas nunca poderá ser um deles. Sempre será diferente e de fora. Conosco pode fazer parte de algo. — Enquanto se inclinava para a frente, uma luz branca brilhou do anel, agredindo os olhos de Simon. — Temos milhares de anos de conhecimentos que podemos compartilhar com você, Simon. Pode aprender a manter seu segredo; como comer e beber, como falar o nome de Deus. Raphael foi cruel ao esconder estas informações de você, e até o levou a pensar que não existem. Existem. Posso ajudá-lo.

— Se eu ajudar você primeiro — observou Simon.

Ela sorriu, seus dentes eram brancos e afiados.

— Ajudaremos um ao outro.

Simon se inclinou para trás. A cadeira de ferro era dura e desconfortável, e ele de repente se sentiu cansado. Olhando para as próprias mãos, podia perceber que as veias tinham escurecido, espalhando-se pela parte de trás das juntas. Precisava de sangue. Precisava conversar com Clary. Precisava de tempo para pensar.

— Está abalado — disse Camille. — Entendo. É muito para absorver. Ficaria feliz em oferecer o tempo de que precisasse para se decidir quanto a isso, e quanto a mim. Mas não temos muito tempo, Simon. Enquanto estiver na cidade, corro perigo por causa de Raphael e seus comparsas.

— Comparsas? — Apesar de tudo, Simon deu um sorrisinho.

Camille pareceu espantada.

— Sim?

— Bem, é que... "comparsas". É como dizer "malfeitores" ou "capangas". — Ela o encarou confusa. Simon suspirou. — Desculpe. Provavelmente não assistiu a tantos filmes ruins quanto eu.

Camille franziu o cenho ligeiramente, uma linha muito fina aparecendo entre as sobrancelhas.

— Fui informada de que você seria ligeiramente peculiar. Talvez seja apenas porque não conheço muitos vampiros de sua geração. Mas isso será bom para mim, sinto, estar perto de alguém tão... jovem.

— Sangue novo — disse Simon.

Com isso ela enfim sorriu.

— Então está pronto? Para aceitar minha oferta? Para começar a trabalhar comigo?

Simon olhou para o céu. As cordas de luzinhas brancas pareciam ofuscar as estrelas.

— Veja — falou ele —, aprecio sua oferta. De verdade. — *Droga*, pensou. Tinha que haver algum jeito de dizer isso sem que soasse como se estivesse recusando um convite para o baile de formatura. *Fico muito, muito lisonjeado que tenha me pedido, mas...* Camille, como Raphael, falava rija e formalmente, como se estivesse em um conto de fadas. Talvez ele pudesse tentar isso. Então disse: — Necessito de algum tempo para tomar minha decisão. Tenho certeza de que compreende.

Muito delicadamente, ela sorriu, mostrando apenas as pontas das presas.

— Cinco dias — respondeu. — Não mais. — Estendeu a mão enluvada para ele. Algo brilhava na palma. Era um pequeno frasco de vidro, mais ou menos do tamanho de um frasco de amostra grátis de perfume, mas parecia cheio de um pó amarronzado. — Terra de sepultura — explicou. — Esmague isto, e saberei que está me invocando. Se não me chamar em cinco dias, enviarei Walker para buscar a resposta.

Simon pegou o frasco e o colocou no bolso.

— E se a resposta for não?

— Ficarei decepcionada. Mas nos separaremos como amigos. — Ela empurrou a taça de vinho. — Até logo, Simon.

Simon se levantou. A cadeira emitiu um ruído chiado ao ser arrastada sobre o chão, alto demais. Sentiu como se devesse dizer mais alguma coisa, mas não tinha ideia do quê. Todavia, por enquanto, parecia dispensado. Decidiu que preferia parecer um daqueles vampiros modernos estranhos com maus modos a arriscar ser arrastado novamente para a conversa. Saiu sem dizer mais nada.

No caminho de volta pelo restaurante, passou por Walker e Archer, que estavam perto do grande bar de madeira, com os ombros encolhidos sob os longos casacos cinzentos. Sentiu a força dos olhares nele ao passar e acenou com os dedos para eles — um gesto que estava entre um aceno amigável e um descarte. Archer mostrou os dentes — dentes humanos e lisos — e passou por ele em direção ao jardim, com Walker logo atrás. Simon observou enquanto tomavam os respectivos lugares nas cadeiras diante de Camille; ela não levantou o olhar enquanto eles se sentaram, mas as luzes brancas que iluminavam o jardim se apagaram repentinamente — não uma por uma, mas todas de uma vez — deixando Simon olhando para um bloco desorientador de escuridão, como se alguém tivesse apagado as estrelas. Quando os garçons perceberam e se apressaram para o lado de fora, para corrigir o problema, inundando o jardim com luzes fracas outra vez, Camille e os humanos subjugados tinham desaparecido.

Simon destrancou a porta da frente de casa — uma de uma longa fileira de casas idênticas de tijolos que preenchiam aquele quarteirão do Brooklyn — e a abriu levemente, escutando com atenção.

Tinha dito para a mãe que ia ensaiar com Eric e os outros colegas de banda para um show no sábado. Houve um tempo em que ela simplesmente teria acreditado nele, e a história acabaria aí; Elaine Lewis sempre foi uma mãe tranquila, nunca impusera horário de voltar para casa nem a Simon nem à irmã, nunca insistiu que voltassem cedo em dias de semana. Simon estava acostumado a passar horas na rua com Clary, entrar com a própria chave e cair na cama às duas da manhã, comportamento que não suscitava grandes comentários da parte da mãe.

As coisas eram diferentes agora. Tinha estado em Idris, o país natal dos Caçadores de Sombras, por quase duas semanas. Havia desaparecido de casa, sem chance de oferecer uma desculpa ou explicação. O feiticeiro Magnus Bane havia assumido as rédeas da situação e executado um feitiço de memória na mãe de Simon de modo que ela agora não tinha qualquer lembrança do sumiço do filho. Ou, ao menos, nenhuma lembrança *consciente*. Mas seu comportamento tinha mudado. Agora ela desconfiava, ficava por perto, sempre observando, insistindo que es-

tivesse em casa em determinado horário. Na última vez em que ele voltara de um encontro com Maia, se deparou com Elaine na entrada, sentada em uma cadeira na frente da porta, com os braços cruzados, e um olhar de fúria mal controlada no rosto.

Naquela noite tinha conseguido ouvi-la respirando antes de vê-la. Agora só escutava o ruído fraco da televisão vindo da sala. Devia estar esperando por ele acordada, provavelmente assistindo a alguma maratona de um daqueles dramas de hospital que adorava. Simon fechou a porta e se apoiou nela, tentando reunir forças para mentir.

Era difícil o bastante não comer na presença da família. Por sorte a mãe saía cedo para o trabalho e voltava tarde, e Rebecca, que fazia faculdade em Nova Jersey e só aparecia em casa ocasionalmente para lavar a roupa, não estava presente o suficiente para perceber nada de estranho. A mãe normalmente já tinha saído pela manhã quando ele acordava, e o café e o almoço que havia preparado com tanto amor já estavam colocados na bancada da cozinha. Ele os jogava no lixo no caminho do colégio. O jantar era mais difícil. Nas noites em que ela estava presente, ele tinha que espalhar a comida pelo prato, fingir que não estava com fome, ou que queria comer no quarto enquanto estudava. Uma ou duas vezes forçou a comida a descer só para agradá-la, e passou horas no banheiro depois, suando e vomitando até eliminar tudo do sistema.

Detestava ter de mentir para ela. Sempre sentiu um pouco de pena de Clary, pela relação pesada com Jocelyn, a mãe mais superprotetora que ele já conhecera. Agora a situação estava invertida. Desde a morte de Valentim, a garra de Jocelyn em Clary tinha relaxado a ponto de ela ser quase uma mãe normal. Enquanto isso, sempre que Simon estava em casa, podia sentir o peso do olhar da própria mãe, como uma acusação, aonde quer que fosse.

Esticando os ombros, ele derrubou a bolsa-carteiro perto da porta e foi para a sala encarar a realidade. A televisão estava ligada, com o noticiário passando. O âncora local narrava algo para mexer com a emoção do público — um bebê encontrado abandonado em um beco atrás de um hospital no centro da cidade. Simon se surpreendeu. A mãe detestava o noticiário. Achava deprimente. Ele olhou para o sofá, e a surpresa desapareceu. Ela estava dormindo, os óculos na mesa ao lado, um copo

no chão, o conteúdo pela metade. Simon podia sentir o cheiro daqui — provavelmente uísque. Sentiu uma pontada. A mãe quase nunca bebia.

Simon foi para o quarto dela e voltou com um cobertor de crochê. Elaine continuava dormindo, a respiração lenta e uniforme. Era uma mulher pequena como uma ave, e tinha uma auréola de cabelos negros cacheados, com marcas grisalhas que se recusava a pintar. Trabalhava durante o dia para uma ONG ambiental, e a maioria de suas roupas possuía uma temática animal. Neste momento estava com um vestido com estampa de golfinhos e ondas e um pregador que outrora fora um peixe de verdade, mergulhado em resina. O olho envernizado parecia encarar Simon em tom de acusação enquanto ele se curvava para envolver o cobertor sobre os ombros da mãe.

Ela se moveu, espasmódica, virando a cabeça para o outro lado.

— Simon — sussurrou. — Simon, onde você está?

Arrasado, Simon soltou o cobertor e se levantou. Talvez devesse acordá-la, avisar que estava bem. Mas neste caso haveria perguntas que não queria responder, e aquele olhar ferido no rosto dela que não suportava. Ele se virou e foi para o quarto.

Tinha se jogado na cama e agarrado o telefone da cabeceira, prestes a discar o número de Clary, sem sequer parar para pensar. Pausou por um instante, escutando o barulho da linha. Não podia contar a ela sobre Camille; tinha prometido manter em segredo a oferta da vampira, e apesar de não se sentir em dívida com Camille, se tinha algo que havia aprendido ao longo dos últimos meses, era que renegar promessas feitas a criaturas sobrenaturais era uma péssima ideia. Mesmo assim, queria ouvir a voz de Clary, como sempre acontecia quando tinha um dia ruim. Bem, podia sempre reclamar para ela sobre a vida amorosa; isso parecia diverti-la infinitamente. Rolando na cama, puxou o travesseiro sobre a cabeça e discou o número de Clary.